



Dependentes se superam em Guarujá

ALESSIO VENTURELLI
DA REDAÇÃO

As dificuldades são muitas, mas, em apenas três anos de existência, a Associação Thalita Cumi, que realiza um trabalho de desintoxicação, reabilitação e ressocialização com dependentes químicos em Guarujá, já vivenciou dezenas de casos de superação e luta. Localizada no Bairro do Santa Rosa III, a instituição abriga atualmente 20 internos - a maioria deles encaminhada pelo serviço público de Saúde do Município.

Com uma subvenção mensal fixada em pouco mais de R\$ 500,00 por paciente, e a ajuda de associados e voluntários, seus responsáveis, Rogério da Cunha Pereira e Geraldo José da Silva, contam que o trabalho junto aos internos é árduo e muitas vezes esbarra na falta de suporte operacional e de recursos financeiros.

"Falta de tudo: transporte, mais profissionais para ajudar no atendimento e até mesmo uma área mais ampla, uma vez que a demanda só cresce", conta Rogério. "Temos pedidos para internação diariamente, só que não podemos atender", chama atenção o presidente da instituição, que ainda assim, se orgulha do trabalho realizado por ele e sua equipe.

"Através de atividades ocupacionais - como pintura em tecido ou tela, aulas de educação física - os internos se preparam para voltar ao convívio social", conta ele, enfatizando que, "junto a isso, eles



FOTOS ÉDISON BARAÇAL

Por meio de atividades ocupacionais e terapias, os internos conseguem superar a dependência química

recebem aconselhamento espiritual, orientação psicológica e psiquiátrica".

Ainda de acordo com Rogério, em média, são necessários pelo menos nove meses de internação para obtenção de resultados satisfatórios junto aos pacientes. E os primeiros dias longe do vício são muito difíceis, conforme relatam alguns deles.

DRAMAS

M.F., 30 anos, mecânico, natu-

ral de Brasília, não tem família e chegou à entidade há cerca de dois anos. Apesar de ainda estar em tratamento, o extenso período de permanência que ele acumula no local o transformou em uma espécie de conselheiro para os colegas recém-chegados.

"No início, eu tive dificuldades que pensei serem impossíveis de superar, fiquei depressivo", conta. "Eu era viciado em cocaína e, na minha loucura, rodei pelo Brasil, de um

lugar a outro, sem destino, vivendo nas ruas. Hoje só penso em ter uma família e um emprego. Ter uma vida normal", resume M.F.

Ex-interno da entidade, C. R. A, de 43 anos, diz que agora só volta à Thalita Cumi como visitante. Nascido em Guarujá, ele conta que conviveu durante 26 anos com as drogas. Em 24 de fevereiro, após um ano e 15 dias de internação, ele deixou o centro de recuperação e diz que nunca mais quer voltar a



Aberta há três anos, entidade precisa de todo tipo de colaboração

experimentar os pesadelos por que passou. "Chorei e senti muita saudade da minha família. Meus pais nunca desistiram de me ver longe das drogas. No início, quando eu tinha 16 anos, acreditei que ficaria apenas nas bebidas alcoólicas e na maconha, mas as dificuldades da vida foram me arrastando ao fundo do poço. Só não usei crack, que acredito ser a pior das drogas".

UTILIDADE PÚBLICA

Em reconhecimento ao trabalho realizado pela entidade, o vereador Luiz Carlos de Paula Coutinho (PRB) apresentou, no último dia 11, um projeto de lei (nº 77/2009) propondo que a Associação Thalita Cumi seja declarada de utilidade pública.

A matéria está sendo analisada pelas Comissões de Justiça e Redação e Assistência Social.

SERVIÇO: OS INTERESSADOS EM FAZER DOAÇÕES OU TRABALHAREM VOLUNTARIAMENTE NA ASSOCIAÇÃO THALITA CUMI DEVEM LIGAR PARA OS TELEFONES (13) 3017-1454 | (13) 3304-4004 OU (13) 9708-4717